

# IX Semana de História

## O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

### **Fronteiras da fé: o Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras, de Milão ao Amapá (1926-1965)**

WELISON COUTO DA CUNHA\*

#### **Introdução**

Sociologicamente, a Igreja Católica é vista como grupo religioso organizado e institucionalizado. Como grupo, abrange a comunidade dos crentes e um corpo de sacerdotes hierarquizados. Como instituição, ela tem: um sistema de preceitos dogmáticos, ritos e crenças; uma comunidade de crentes, bem como vários órgãos administrativos, além de templos e objetos de culto. O depositário das ideias é o grupo religioso institucionalizado denominado aqui por Igreja Católica.

Assim, temos como tema de pesquisa a História da Igreja Católica no Ocidente. Enfocamos o percurso do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME), com o objetivo de melhor conhecer a experiência histórica dos padres que durante muitas décadas trabalharam no Amapá. O período estudado vai da origem deste instituto (1926) até seus primeiros esforços para o estabelecimento das bases da diocese de Macapá, no Território Federal do Amapá (até 1965). Nosso texto encerra-se com a análise das transformações ocorridas na Prelazia de Macapá, em decorrência da atuação dos missionários do PIME.

#### **Antecedentes e a criação do Pontifício Instituto**

Em 1700, orgulhoso “século das luzes” (ARANHA, 2005: 15), as atividades missionárias da Igreja Católica estavam em total decadência. Na Europa, o Iluminismo e as filosofias racionalistas, os confrontos entre governo e a Santa Sé, a supressão dos jesuítas (1760) (MAÚES, 1995:44) e finalmente a Revolução Francesa (1789) (PERROT, 1991: 21) abalaram o espírito missionário entre os católicos. Por outro lado, nos países de missão do Oriente, para onde, de preferência, se dirigiam os missionários, as perseguições aos evangelizadores pareciam fazer extinguir-se “aquele espírito aventureiro de conquista do mundo para Cristo que tinha caracterizado a epopeia missionaria do tempo dos séculos XVI –

---

\* Welison Couto da Cunha é licenciado em História pela Universidade Vale do Acaraú (UVA) e discente do Curso de Especialização em História e Historiografia da Amazônia pela Universidade Federal do Amapá.

XVII” (GHEDDO, 1989: 19). Então, padres procuraram orientar e conduzir a Igreja Católica na parte oriental do planeta, onde muitas pessoas não a conheciam.

No início do século XIX, em 1801, depois da Revolução Francesa (BOFF, 1982: 23), aparecem condições favoráveis para uma retomada da atividade missionária, com: as novas descobertas geográficas que favoreciam os contatos com o mundo não cristão (GHEDDO, 1989: 19), a restauração dos jesuítas, o surgimento dos missionários da Paris e de outros institutos (sobretudo franceses), a restituição dos bens à Congregação de Propaganda Fide<sup>1</sup> e, sobretudo, o revigoramento do “espírito missionário dos papas”, que se mostra a partir de 1800 bastante revigorados em relação ao século precedente.

A partir do início do século XIX, a Igreja Católica perdeu na Europa muitos privilégios de que gozava quando era aliada das cortes reais e da nobreza (COPPI, 1990: 21). Ela foi também combatida pelos governos de restauração e pelas correntes de pensamento que representavam o espírito moderno daquele tempo (liberalismo, marxismo, nacionalismo, racionalismo científico, etc.). Mas, ao mesmo tempo (a partir de 1800), constituiu um século de vigoroso renascimento cristão que partiu “de baixo” e que não foi programado, mas que se manifestou “de repente na vida do povo” (COPPI, 1990: 21).

Segundo Gheddo (1989: 20), enquanto o papado, as dioceses e as paróquias sofriam escassez de clero e de bens materiais, nasciam do povo numerosos movimentos espirituais, sociais, caritativos, de evangelização, de piedade popular, de missão, que renovavam radicalmente a vida cristã. Retrata-se o nascimento, também no século XIX, de cerca de noventa novas congregações religiosas masculinas e femininas, cada uma com o seu carisma “profético” de renovação eclesial (COPPI, 1990: 20).

A França revela-se “filha primogênita da Igreja” (COPPI, 1990: 21), porque dela nasce e nela se fortifica o movimento carismático missionário, que antecede em toda a Europa o “fogo da missão universal: a Obra de Propagação da Fé” (GHEDDO, 1989: 22), fundada em 1822 em Lião.

Três são as novidades revolucionárias desta Obra de Propagação da Fé. Em primeiro lugar, em tempo de crise da vida cristã na Europa enfatiza-se fortemente a missão universal aos pagãos, pois “a fé se fortifica quando é comunicada aos outros” (COPPI, 1990: 23). Com

---

<sup>1</sup> Sagrada Congregação de “Propaganda Fide” — hoje Para a “Evangelização dos Povos” — que é um departamento da Santa Sé presidido por um cardeal, que cuida de todos os problemas relativos à evangelização nos países de missão (GHEDDO, 1989:19).

efeito, quando o beato Gaspare Del Bufalo fundou a Congregação dos Missionários do Preciosíssimo Sangue para as missões ao povo, sob o pontificado de Leão XII (1823 – 1829), nos Estados Pontifícios, mais da metade do clero era tão ignorante que não sabia ler o latim e não conhecia a fórmula da absolvição no sacramento da reconciliação. Conforme Coppi (1990: 23), Del Bufalo julgava, com base em sua experiência, que dois terços do clero viviam abertamente com uma mulher, sem mesmo escandalizar os seus fiéis. Desta forma, para Gheddo, é uma igreja deste tipo que é “revolucionada e purificada, entre outras coisas, pelo ideal missionário” (GHEDDO, 1989: 24).

Em segundo lugar, em um tempo em que a Igreja era “clerical” (COPPI, 1990: 20), a Obra de Propagação da Fé foi assumida por cristãos leigos protagonistas da missão, sem necessidade de outros mandatos, além do mandato do próprio batismo. Para Boff (1982: 25), era uma mensagem nova, realmente revolucionária para uma instituição inserida num conceito formalístico de vida cristã, concebida com execução passiva das ordens que vinham da alta hierarquia.

Em terceiro, num tempo em que o papa e a Congregação de Propagação da Fé, assim como as grandes ordens religiosas protagonistas das missões nos séculos precedentes ao século XIX, estavam reduzidos a uma real pobreza de meios, por causa das espoliações napoleônicas (PIGEARD, 2010: 74-75), tornando-se assim impossibilitados de custear as despesas de envio de missionários e da fundação de novas missões, a Propagação da Fé lança a iniciativa popular que dará os meios necessários para a retomada missionária: todos os fiéis são convidados a colaborar com um donativo semanal para “propagar a fé até os últimos confins da terra” (COPPI, 1990: 32). Nos séculos precedentes (antes do século XIX) as missões eram mantidas pelos governos e pelas casas reinantes. Coppi afirma que a partir daquela inovação o “donativo semanal dado por gente tão pequena em toda a Europa pode manter sozinho a evangelização do mundo não cristão” (COOPI, 1990: 21).

A Obra de Propagação da Fé se estendeu rapidamente pela Itália, embora sempre encontrasse dificuldades para implantar-se, dadas as desconfianças dos governantes “que viam nela uma atitude de revolta, difundindo no povo e no clero o conhecimento e o entusiasmo pelas missões exteriores” (GHEDDO, 1989: 22).

Segundo Coppi, sobretudo no Piemonte (Itália), o boletim da associação, os “Anais da Propagação da Fé” (COPPI, 1990: 32), tem larga difusão: traduzido em italiano e impresso

em Lião – Itália e “suscitando vocações” e ajudas financeiras. Por isso, é que na metade do século XIX, quando nasceu a primeira revista missionária italiana em Turim — *O Museu das Missões Católicas*, fundado em 1857 pelo cônego Ortalda — “a Igreja no estado dos Sabóia podia gloriar-se de seiscentos missionários” (COPPI, 1990: 32).

Não obstante a excepcional floração de congregações e de iniciativas missionárias em várias regiões da Itália, na primeira metade do século XIX, faltava um instituto exclusivamente missionário de clero diocesano, como já existira na França há mais de um século, a *Missões Exteriores de Paris*. A obra era muito urgente também na Itália, dada a grande difusão do ideal missionário nos seminários diocesanos e entre o clero jovem, por causa da Obra da Propagação da Fé e dos seus Anais, sem esquecer a outra revista missionária que chegava da França, *Coleta de cartas edificantes das Missões Exteriores*, principalmente dos missionários jesuítas. Sendo assim, quem desejava partir para as missões devia necessariamente entrar em uma ordem ou congregação religiosa (COPPI, 1990: 34).

A necessidade de um instituto missionário italiano fora sentida pelo Papa Gregório XVI (1831 – 1846), mas sem nenhum resultado prático. Mons. Ludovico de Conti Besi, conterrâneo do Papa Gregório XVI, depois da criação do Seminário para as Missões Exteriores de Milão, testemunhou que “este era um contínuo e ardente desejo do Papa Gregório, o qual costumava dizer-me, quando eu era ainda jovem, que se admirava de falar, na Itália, de tal seminário” (COLOMBO, 2008: 36). Percebe-se aí que as autoridades eclesiais apresentavam-se como incentivadoras das missões no exterior.

Segundo Gheddo, a ideia de fundar um seminário missionário estava amadurecida e se realizava em Milão no ano de 1850,

*como fruto de um caminho da Igreja, pela convergência de várias expressões eclesiais que na metade do século XIX eram manifestações de uma consciência missionária renovada: o Pontífice romano, os bispos e as dioceses da Lombardia, os jovens alunos dos seminários milaneses inflamados pela leitura das primeiras revistas missionárias que chegavam da França (GHEDDO, 1989: 22).*

Em 1847, o Papa Pio IX, que tinha herdado a ideia de seu predecessor, enviou a Milão dom Giovanni Luquet, das Missões Exteriores de Paris, já missionário na Índia, com a tarefa de comunicar ao novo arcebispo de Milão, dom Carlos Bartolomeu Romilli, “o desejo do Santo Padre de abrir um Seminário de Missões Exteriores, confiante na colaboração dos bispos”. (MARITANO, 2000: 5)

No encontro do Papa Pio IX com o arcebispo, realizado na casa dos Padres Oblatos de Rho, estava presente o superior dos Oblatos, o padre Ângelo Ramazzotti, que também nutria por sua conta, a ideia de fundar um instituto missionário juntamente com outros sacerdotes milaneses.

A realização prática do projeto foi diferida por três anos, em razão das “perturbações políticas e das guerras daquele tempo” (PIME, s/d:s/p). Porém, no início de 1850, o padre Ângelo Ramazzotti enviou ao Papa Pio IX um projeto pormenorizado do instituto, oferecendo também a casa de sua propriedade em Saronno como primeira sede. Tendo chegado aos meses seguintes a aprovação de Roma, do arcebispo da Lombardia, inaugura-se o instituto em Saronno no dia 31 de julho de 1850, com os primeiros cinco sacerdotes milaneses e os catequistas, ou irmãos cooperadores, leigos consagrados pela vida toda à missão de

*Conhecer o desejo do Papa, imediatamente assumido pelo arcebispo e por este comunicado aos bispos lombardos reunidos em conferência anual, foi para o padre Ramazzotti como uma inspiração do alto que dissipou todas as incertezas: a partir de então, dedicou-se totalmente a esta obra, falando sobre ela ao clero milanês e aos jovens clérigos dos seminários diocesanos (MARITANO, 2000: 5).*

Entretanto, mesmo tendo sido fundador, padre Ângelo Ramazzotti, foi nomeado como primeiro diretor Mons. Giuseppe Marinori, sacerdote milanês, que ficou à frente do nascente instituto até a morte, em 1891.

Nascia assim a primeira instituição exclusivamente missionária na Itália: o Seminário Lombardo para as Missões Exteriores, como organismo dependente dos bispos da Lombardia e da Sagrada Congregação de Propaganda Fide. O ato oficial de fundação foi assinado no dia primeiro de dezembro de 1850, por todos os bispos lombardos reunidos em Milão em conselho provincial. Os bispos se comprometiam:

*a manter o seminário missionário com a sua autoridade, enviar-lhe vocações, dar-lhe recursos e a considerar os sacerdotes que nele entrassem como pertencentes às respectivas dioceses de origem; afirmando também que queriam contar os anos passados nas missões como anos passados a serviço da própria diocese (GHEDDO, 1989: 23).*

Na fundação do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME), havia a dupla dependência: tanto dos bispos lombardos como da Congregação de Propaganda Fide. Essa dependência absoluta do Papa e de Propaganda Fide tinha um grande significado para as

missões do século XIX. Tradicionalmente, a atividade missionária era desenvolvida exclusivamente pelas ordens e congregações religiosas. No século XVII, a nascente Sagrada Congregação de Propaganda Fide (fundada pelo Papa Gregório XV em 1622) não tinha forças missionárias próprias e totalmente disponíveis à vontade da Santa Sé, mas dependia de ordens e congregações, em parte também comprometidas com as grandes potências coloniais, Espanha e Portugal (COLOMBO, 2008: 39). Eis porque, pouco tempo depois, nasceu em Paris, o Instituto das Missões Exteriores, com três características bem precisas: total dependência do Papa e da Propaganda Fide, fundação de Igreja local nas missões e envio às missões de sacerdotes diocesanos sem votos religiosos. São as mesmas características herdadas pelo PIME de Milão e, depois, por uns vinte institutos similares, nascidos no século XIX, Conforme o Ato Constitucional do PIME,

*o instituto depende inteiramente e absolutamente do Sumo Pontífice e da Congregação de Propaganda Fide, dos quais recebe a faculdade, a sanção do regulamento, o campo a evangelizar. Estas relações de dependência serão mantidas, como se tem feito desde o princípio, por meio do Arcebispo de Milão e dos sufragâneos por ele representados; por isso é que a nomeação do Superior é feita pelo Arcebispo de Milão, de acordo com os sufragâneos, pelo relatório anual do Seminário a apresentar-se ao Arcebispo; daí o desejo expresso de que, no próximo Conselho Provincial, os Bispos determinem as relações de dependência deste Seminário dos seus Superiores (PIME, s/d:s/p).*

O Papa Pio IX, num período de grande expansão missionária, iniciou em 1871 outro instituto missionário com clero secular: o Pontifício Seminário dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo para as Missões Exteriores, fundado por Mons. Pietro Avanzini com características idênticas às do Seminário milanês. O Seminário (ou instituto) romano foi inaugurado no dia 21 de dezembro de 1871, mas a fundação oficial no dia 21 de junho de 1874, com o Papa Pio IX, declarando fundado e traçando as suas regras gerais, “fazendo-o depender da Congregação da Propaganda Fide” (COPPI, 1990: 40). O seminário missionário romano mandou missionários para muitas missões, segundo as solicitações da Propaganda Fide: Austrália, Egito, Sudão, Paraguai, Estados Unidos, países do Oriente Médio, Albânia, Brasil e outros. Duas são as missões inteiramente confiadas ao instituto romano: a do Shensi, na China, que foi assumida pelo PIME em 1926, e a outra da Baixa Califórnia, no México, fundada em 1895 e deixada em 1926 (COLOMBO, 2008: 40).

Conforme Colombo (2008: 41), os dois institutos de Milão e de Roma tinham proposto à Propaganda Fide que fossem unificados em 1912, tendo eles, segundo Gheddo (1989:29), o mesmo espírito e as mesmas regras. Pio IX realizou a união no dia 23 de maio de 1926, dia de Pentecostes, por meio do *Motu Próprio Cum Missionalium Opera*, dando vida e nome ao Pontifício Instituto das Missões Exteriores (PIME), com sede em Milão, e que assumia todos os integrantes e as missões dos dois institutos, com uma direção unificada e as constituições milanesas.

### **Pisando em terra de missão: missionários do PIME no Brasil**

Em dezembro de 1946, dá-se a chegada dos três primeiros missionários do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras ao Brasil, à procura de novas aberturas para os jovens missionários que não podiam ainda partir para as missões tradicionais do instituto na Ásia (Índia, China e Birmânia). O superior dos três padres, Attilio Garré, que tinha sido missionário na China, ficou em São Paulo, iniciando a presença do instituto na imensa metrópole. Segundo Colombo (2008: 42), o segundo padre, Aristides Pirovano, foi logo para o Amazonas. O terceiro padre, José Maritano, dirigiu-se para Assis, no interior do estado de São Paulo.

Em menos de dez anos, os missionários do PIME no Brasil já eram cerca de cento e cinquenta, com tendência à diminuição. Segundo Gheddo (1989: 33), na estatística de dezembro de 1991, viam-se cento e trinta e cinco padres e irmãos do PIME no Brasil, mais três sacerdotes diocesanos italianos associados a este instituto.

Desde o começo, a presença do PIME no Brasil foi multiforme e toda orientada para a fundação da igreja local ou a serviço do amadurecimento de dioceses, já formalmente constituídas, mas quase sem clero local. O instituto fundou duas dioceses: de Macapá (no Território Federal do Amapá) e de Parintins (no estado do Amazonas) e ajudou fundar a diocese de Jardim (no estado de Mato Grosso do Sul). Além disso, o instituto colaborou com os bispos locais em cerca de vinte dioceses de oito estados brasileiros, fundando ou assumindo mais de cinquenta paróquias:

# IX Semana de História

## O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

8

*Nos quarenta e cinco anos de presença do PIME no Brasil, a Igreja Católica brasileira percorreu um difícil caminho de crescimento que, no começo, ninguém podia prever tão rápido. No fim dos anos quarenta, o problema fundamental da evangelização era ainda fundar a Igreja, mesmo que o povo fosse (ou se considerasse) católico (GHEDDO, 1989: 72).*

O lema do PIME era iniciar novas dioceses, construir paróquias e igrejas, assegurar a assistência religiosa a populações dispersas num território imenso. A partir de meado da década de 1960, ao lado de um número insuficiente de sacerdotes locais, os cristãos católicos tornaram-se ativos e com várias formas de compromisso: catequistas, animadores de comunidades, ministros leigos, grupos e movimentos cristãos, que cobrem as funções não estritamente sacerdotais.

*A Igreja brasileira, como em todo o resto da América Latina, encontrou uma identidade nova e própria: educar para a fé significa conscientizar o povo cristão de que Jesus é o Libertador, filho de Deus que liberta do pecado pessoal e de estruturas sociais e econômicas opressoras, ajudando o povo sair de condições de vida desumana (MARITANO, 2000: 5).*

Dessa forma, o fato de pertencer à Igreja ganhou uma dimensão social e política. Evangelizar não significava mais somente educar para a oração, para os sacramentos, para a observância dos mandamentos de Deus, mas também tomar consciência das injustiças sociais e encontrar juntamente com a comunidade cristã, os caminhos e os métodos para a libertação. Segundo Gheddo (1989: 72), tudo se concretiza em uma nova metodologia pastoral: transformar uma massa de fiéis anônimos em pequenas comunidades, que unidas formariam uma paróquia, “onde cada um se sinta acolhido, entendido, ajudado, valorizado e estimulado para comprometer-se” (COPPI, 1990: 47). Neste momento verifica-se o nascimento das CEB's, as Comunidades Eclesiais de Bases.

É evidente que neste crescimento da Igreja brasileira, também a missão de um instituto missionário como o PIME muda radicalmente. Mesmo que essa mudança ocorra de maneira gradativa. A prioridade não é mais fundar novas dioceses ou paróquias, ou assegurar assistência religiosa ordinária a uma comunidade sem sacerdotes, mas animar missionariamente o renascimento da Igreja brasileira, segundo o carisma específico do missionário. Esta é a evolução que o PIME realizou, sobretudo no sul do Brasil, segundo a solicitação dos próprios bispos, os quais advertiram (em particular depois da Conferência

Latino-Americana de Puebla, em 1979) que era chegado o momento de orientar as Igrejas locais para a missão universal.

*[...] quando evitam o perigo de politização e ficam no plano eclesial, é o melhor instrumento de evangelização: no confronto com a palavra de Deus, na oração, na recíproca solidariedade e na participação, a fé se torna mais pessoal, familiar, social. Não só participar da preocupação de todas as Igrejas que pesa sobre o Sumo Pontífice, mas porque uma visão universal de Igreja e de missão é indispensável para que uma comunidade atinja a plena maturidade da vida cristã (GHEDDO; 1989: 73).*

O PIME orienta-se, agora, para a formação de missionários e animação missionária do povo cristão, sem abandonar em absoluto a ajuda às dioceses em dificuldades que pedem missionários para o trabalho pastoral ou a formação de sacerdotes diocesanos e de leigos engajados no serviço da Igreja Católica.

Em poucos anos, a partir do envio dos primeiros missionários em 1946, o PIME marcou uma presença maciça no Brasil com mais de cem missionários. Várias circunstâncias juntas tornaram isso possível.

Durante os anos da Segunda Guerra Mundial (1940 – 1945) não foi possível enviar missionário para as missões do Oriente. Segundo Coppi (1990:65), no “imediato pós-guerra as dificuldades para o envio continuaram”, devido à situação interna de alguns países ou às dificuldades e restrições que outros impunham à entrada de missionários, especialmente na Ásia, onde na época se encontravam quase todas as missões do PIME.

Aos missionários que estavam aguardando havia anos a possibilidade de partir para a missão, foram se acrescentando todos os que já estavam trabalhando na China e de lá foram expulsos, depois da chegada de Mao Tsé-Tung ao poder (COGGIOLA, 2008: 83). Conforme Gheddo (1989: 79), “cerca de cento e cinquenta missionários chegaram assim aos poucos à Itália e dentre eles vários, cujas condições de saúde e idade o permitiam”, estavam dispostos a reiniciar a experiência missionária em outras regiões do mundo.

Quase contemporaneamente aumentava os pedidos para que o PIME se fizesse presente no Brasil, “para ajudar a Igreja local em situação de emergência e necessidade” (COPPI, 1990: 67). A esses pedidos urgentes correspondeu, na época, a grande possibilidade do PIME atendê-los, pois dispunha, pelos motivos expostos, de muitos missionários aguardando em destinação.

Os missionários do PIME que chegaram ao Brasil escolheram inicialmente algumas regiões que, na época, apresentavam as condições de urgência devido à falta de clero e de agentes de pastoral. A presença do PIME na região do Sul do Brasil foi marcada por uma constante: “a necessidade de procurar regiões de fronteiras, de ir aos mais abandonados” (COPPI, 1990: 67).

Na cidade de São Paulo, foram recusadas de início paróquias do centro, para procurar outras que na época eram de periferias, como o Brooklin e Santo Amaro. Segundo Colombo, “justamente no bairro do Brooklin os primeiros missionários, além do trabalho pastoral, iniciara um trabalho que visava à formação da juventude, criando uma escola, o Colégio Meninópolis, que funciona até hoje” (COLOMBO, 2008: 68). Mas, os padres do PIME não permaneceram somente em São Paulo. A maioria deles procurou o interior. Inicialmente na região oeste do estado de São Paulo e no norte do Paraná.

Quando a situação ali começou a melhorar, do ponto de vista religioso, de novo se sentiu a necessidade de deixar algumas daquelas paróquias de São Paulo para procurar outras mais necessitadas. Segundo Gheddo (1989: 70), assim, “atendendo aos insistentes pedidos do bispo de Corumbá, um bom número de padres foi para o interior do estado de Mato Grosso do Sul, onde contribuíram na formação da nova diocese de Jardim”.

E assim, várias paróquias foram aceitas e, em seguida, deixadas e entregues de novo à responsabilidade do clero diocesano. O que norteou o PIME nestas opções foi o chamado critério missionário:

*permanecer onde há situações de emergência e necessidade da Igreja local, situações que justifiquem a presença missionária, e sair quando a situação melhora e quando já existem outras pessoas que podem continuar o trabalho. A preocupação majoritária do PIME foi a formação de missionários para outras terras e outros continentes, mas ela nem sempre foi prioritária (GHEDDO, 1989: 77).*

Inicialmente, e até as décadas de 1970 e 1980, a prioridade era a da escolha de campos missionários de trabalho nas regiões de fronteira, em situação de escassez e de abandono.

*A Igreja brasileira assumiu cada vez mais suas responsabilidades e diminuiu sua dependência de outras Igrejas e de missionários de fora. Isso fez amadurecer a nova idéia e tornou-se cada vez mais prioritária: agora a missão do PIME no Brasil é ajudar a Igreja a viver sua missionariedade. E nisso o PIME sente que pode transmitir algo que fez parte de sua história: como ele, que não é congregação religiosa, nasceu enquanto expressão da missionariedade de um grupo de dioceses*

*italianas, assim poderá ajudar a estimular a Igreja brasileira a viver a mesma experiência* (COLOMBO, 2008: 89).

Por isso, a partir dos anos de 1970, a prioridade do PIME no Brasil tornou-se a animação missionária e a formação de missionários brasileiros.

Na formação sacerdotal, em Santa Catarina, o PIME abriu dois seminários para formação de sacerdotes missionários: em Brusque, com os cursos de Filosofia e propedêutica à Teologia; e em Florianópolis, com o curso de Teologia. Este instituto abriu também, em Florianópolis, uma casa de formação para irmãos leigos, onde tais missionários fazem parte do PIME em plena paridade com os sacerdotes, caracterizando-se “pela vida comunitária e pela adequada preparação teológica e profissional para exercer sua missão específica e que ajudam a conhecer melhor e aprofundar o ideal missionário” (COLOMBO, 2008: 108).

### **Amapá, território *ad gentes*<sup>2</sup>**

Como mencionamos antes, no norte do Brasil, na região amazônicas, o PIME esteve presente nas dioceses de Parintins e Macapá, e também nas cidades de Manaus e de Belém. Perto da cidade de Belém, os missionários do PIME trabalharam na evangelização desde 1964, no leprosário de Marituba.

*Aquele leprosário, que há vinte anos era chamado “antecâmara do inferno”, pelo abandono em que eram deixados os 800 leprosos enclausurados numa espécie de prisão no meio da floresta e vigiados pela polícia para que não fugissem, tornou-se uma cidade de 40.000 habitantes, satélite da vizinha Belém* (COLOMBO, 2008: 165).

Alguns missionários do PIME e as Missionárias da Imaculada asseguraram a assistência religiosa e social aos leprosos e ex-leprosos e “a milhares de outras pessoas atraídas para aquela zona pela presença dos padres e das irmãs” (GHEDDO, 1989: 78).

Em Manaus, o PIME esteve presente desde 1948, com a paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, que deu origem a oito paróquias. Até 1987, o PIME tinha a seu cargo seis paróquias e doze sacerdotes em Manaus:

*em Manaus, repetiu-se a situação da cidade de São Paulo, e em um pouco de todas as cidades brasileiras: a intensa urbanização duplicou a população no espaço de dez a quinze anos, criando enormes problemas para as autoridades civis e também eclesásticas* (COPPI, 1990: 72).

---

<sup>2</sup> *Ad gentes* são áreas consideradas pela Igreja como sendo carentes da ação missionária.

# IX Semana de História

## O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

12

*A nossa Igreja é ainda uma Igreja missionária. Temos 45 paróquias na cidade de Manaus, mas juntando todos os sacerdotes, seculares e religiosos, idosos, doentes, ocupados na escola e nos seminários, chegamos a uma centena! Espero nos próximos anos formar leigos e confiar-lhes paróquias: não existe outra solução (GHEDDO, 1989: 80).*

A diocese de Parintins, no estado do Amazonas, foi fundada pelos missionários do PIME que estavam presentes lá desde 1955.

*Em Parintins, estamos numa situação de primeiro contato com a civilização moderna, devido ao fato de esta região se encontrar no interior do Amazonas. Na diocese de Parintins prevalece a missão entre os índios das florestas e entre os caboclos muito pobres (COLOMBO, 2008: 183).*

Em Parintins, realizara-se, desde os anos de 1950, uma pastoral intensiva de formação de leigos para o apostolado, através das Congregações Marianas para homens, e das Senhoras do Apostolado da Oração para mulheres. Foram justamente estes leigos “o esteio e alicerce sobre o qual se fundaram, nos anos pós-conciliares, as comunidades eclesiais de base” (COPPI, 1990: 97). Percebe-se aí, desde 1980, a prioridade pastoral foi a formação dos operadores pastorais leigos. As várias comunidades estavam muito distantes entre si e “o padre somente poderia visitá-las no máximo quatro vezes por ano” (COLOMBO, 2008: 185), isso se a paróquia central fosse bem organizada.

Por isso é que os missionários se dedicaram não só à visita às aldeias, mas aos cursos de formação, que duravam dez semanas não contínuas, mas distribuídas em vários períodos ou até em vários anos: “não se pode fazer uma verdadeira evangelização sem ter no lugar um grupo de pessoas preparadas e empenhadas ao serviço pastoral” (COPPI, 1990: 102).

Na diocese de Parintins, além de assegurar o trabalho pastoral e de promoção humana nas paróquias, os missionários do PIME tinham também outras presenças: “a rádio diocesana, o seminário diocesano, a missão entre os índios (contato e assistência a várias tribos do território), uma escola artesanal de pintura e escultura, o centro para hansenianos” (GHEDDO, 1989: 81), visando garantir a estes os cuidados fisioterápicos e o trabalho pastoral de assistência social.

Em relação à evangelização da região do Amapá, foram constituídas algumas paróquias em Mazagão, no Bailique, em Amapá e na Vila de São José de Macapá. Nem todas essas paróquias puderam contar com a presença estável de sacerdotes. Situação esta que

continuou também quando, “em 1903, foi criada a Prelazia de Santarém por desmembramento da Arquidiocese de Belém, a região do Amapá passou a integrar a nova prelazia” (ALICINO, s/d).

No momento da “criação do Território Federal do Amapá, em 1943, somente a paróquia de São José de Macapá contava com presença estável e continuada de um pároco” (BUBANI, 1996: s/p). As demais eram atendidas pelos colaboradores que as visitavam periodicamente, atingindo também outros núcleos populacionais. Eram os padres da Congregação Missionária da Sagrada Família. Estes, reduzidos em número e impossibilitados de levar adiante a formação espiritual na região, em 1948 retiraram-se, cedendo o lugar aos missionários do PIME, recém-chegados da Itália em atendimento à exortação do Papa Pio XII e dispostos a servir a Igreja no Brasil.

Conforme Colombo, “o padre Aristides Pirovano foi um dos três primeiros padres do PIME que chegaram ao Brasil, em dezembro de 1946” (COLOMBO, 2008: 190). Pouco mais de um ano ficou no Sul do Brasil para aprender a língua e preparar uma base de lançamento como morada dos padres do PIME.

O bispo de Santarém no Pará, Dom Anselmo Pietrulla, sabendo dos motivos da viagem dos padres do PIME, ofereceu-lhes o Amapá, Território dependente de sua prelazia. A proposta foi logo aceita em linhas gerais, “mas dependeria de uma visita *in loco*” (COLOMBO, 2008: 99). Dom Anselmo Pietrulla, no temor de que as dificuldades que teria encontrado o removessem do propósito, recorreu à Nunciatura, para que insistisse junto aos padres do PIME para que aceitassem a missão no Território Federal do Amapá. Em resposta, Dom Carlo Chiarlo, o Núncio Apostólico, escreveu-lhe:

*não tema, que os Missionários do PIME voltem atrás. Exatamente porque o Território é tão abandonado, eles o aceitarão. Disseram-me que procuravam uma zona de missão; pois bem, encontraram-na. Não se preocupe, se a situação é tão grave assim como o senhor o descreveu, o Amapá é o lugar ideal para os missionários do PIME. O senhorio não os conhece bem!* (COLOMBO, 2008: 101).

O padre Aristides Pirovano, conseguindo um bom grupo de padres, recém-vindos da Itália, aos 28 de maio de 1948, deixava Belém e chegava a Macapá. Segundo Carvalho,

*o território amapaense tinha sido evangelizado três séculos antes do século XX pelos jesuítas franceses e portugueses, mas periodicamente, tanto que não houve uma missão estável, isso pela contínuas guerrilhas entre franceses e portugueses,*

*que disputavam o território, e pelas correrias dos corsários inglese. (CARVALHO, 1998: 32).*

O Território Federal do Amapá foi “elevado à prelazia independente em primeiro de fevereiro de 1949” (BUBANI, 1996: s/p) e confiada ao PIME. Aos 14 de fevereiro de 1950, o padre Aristides Pirovano era eleito Administrador Apostólico, e, aos 21 de setembro de 1955, promovido a Bispo-Prelado, sendo sagrado em sua terra natal, perto de Milão, em Erba, na Itália, pelo arcebispo Cardeal Montini, mais tarde Papa Paulo VI.

Conforme Colombo, em “março de 1965, D. Aristides Pirovano era eleito Superior Geral do PIME pelo Capítulo Geral (assembleia), reunidos em Roma” (COLOMBO, 2008: 121) Um ano depois, aos 19 de março de 1966, D. Sebastião Baggio, Núncio Apostólico, e os bispos diocesanos e prelados da Província Eclesiástica de Belém do Pará, sagravam bispo-prelado de Macapá o sucessor Dom José Maritano, dando-lhe posse no mesmo dia.

*Participava da festa com muita alegria e orações, enquanto o canhão da Fortaleza de São José de Macapá saudava o novo Pastor com os vinte e um tiros rituais. Dom José Maritano abria a prelazia de Macapá com visão verdadeiramente apostólica. Leigos de diferentes movimentos colaboravam na tarefa da prática da vida cristã (BUBANI, 1996: s/p).*

Em 1967, a Prelazia de Macapá contava com vinte e cinco padres, dois irmãos consagrados, quinze irmãs consagradas e um grupo de voluntários leigos. Os centros paroquiais eram onze, com sessenta capelas (BUBANI, 1996: s/p). Havia também centros: catequéticos, bíblicos, litúrgicos, espirituais, pastorais e assistenciais.

### REFERÊNCIAS

- ALICINO, Rogério. **Memórias pessoais**. Manuscrito, s/d.
- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **Filosofando**. São Paulo: Moderna, 2005.
- ARAÚJO, José Carlos Souza. **Igreja Católica no Brasil: um estudo de mentalidade ideológica**. São Paulo: Paulinas, 1986.
- BARBOSA, Manuel de. **A Igreja no Brasil (notas para a sua história)**. Rio de Janeiro: Obras Gráficas A Noite, 1945.
- BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder (ensaios de eclesiologia militante)**. São Paulo: Vozes, 1982.

- BUBANI, Ângelo. **Pistas para a evangelização no Amapá**. Macapá: Gráfica São José, 1996.
- CARVALHO, João Renôr Ferreira de. Momento de História do Amapá. In: **Momentos de História da Amazônia**. Imperatriz: Ética, 1998.
- COGGIOLA, Oswaldo. **A Revolução Chinesa**. São Paulo: Moderna (Coleção Guerra e Paz), 2008.
- COLOMBO, Mauro. **Aristides Pirovano, o bispo dos dois mundos**. Porto Alegre: Editora Congregação Pobres Servos, 2008.
- COPPI, Paulo de. **Por uma igreja toda missionária**. Florianópolis: PIME, 1990.
- GHEDDO, Piero. **O PIME, uma proposta para missão**. São Paulo: Loyola, 1989.
- HUNT, Lunn. Revolução Francesa e vida privada. In: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, v. 4.
- LIBÂNEO, J. B. Evangelização e ideologia. In: **Convergência**. Ano VIII, n. 88, Petrópolis: Paz e Terra, 1975.
- LOBATO, Sidney da Silva. **Educação na fronteira da modernização: a política educacional no Amapá (1944 – 1956)**. Belém: Paka-Tatu, 2009.
- MARITANO, Maurílio. PIME 150 anos e Brasil 54 anos: os caminhos da providência. **Jornal do Pontifício Instituto das Missões**. São Paulo. Ano IV, julho 2000.
- MAÚES, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesialístico**. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém: Cejup, 1995.
- PICANÇO, Estácio Vidal. **Informações sobre a história do Amapá (1500 – 1900)**. Macapá: Imprensa Oficial, 1981.
- PIME, Vicente Mariani. **O Pontifício Instituto das Missões no Brasil: P.I.M.E.** São Paulo: Gráfica Tietê S.A., s/d.